



# CHANACOMCHANA

GRUPO AÇÃO LÊSBICA FEMINISTA

3

## **GALF: A HISTÓRIA DE UM GRUPO DE MULHERES LÊSBICAS**



**edição de aniversário**

BRUBA  
KAMISALLO



# BOLETIM

## Chanacomchana



## GALF : 4 ANOS DE ATUAÇÃO

Hoje, neste mês de maio, a gente faz 4 anos. Já nos chamamos "facção lésbica-feminista" quando ainda estávamos no Somos (Grupo de Afirmação Homossexual), em 1979; Grupo Lésbico-Feminista quando nos tornamos autônomas, em maio de 1980; Grupo de Atuação Lésbico-Feminista; Grupo de Ação Lésbico-Feminista e, agora, Grupo Ação Lésbica Feminista. Bom, vocês devem estar se perguntando quais as razões de tantas mudanças e, também, por que a escolha de uma denominação tão "maledita" como lésbica-feminista. A resposta é uma longa história que tentaremos resumir aqui e que faz parte da nossa história.

Vamos começar falando da palavra lésbica. Tem um nome que ainda arreia frechas, ladres, entendidas, sapetões, bichas, heterossexuais, feministas, etc..., mas que escolhemos com muita emoção, uma emoção política que remonta há séculos antes de Cristo e de que, inclusive, já falemos, mas que nunca é demais lembrar. A palavra lésbica deriva de Lesbos, ilha grega, onde viveu uma das maiores poetisas da Antiguidade, Safo, cuja obra sobreviveu ao tempo e a repressão da misoginia cristã, embora fragmentariamente, mas que simbolizou e, ainda simboliza, não só o amor entre mulheres, mas, também, principalmente, a revolta contra a opres-

são masculina que sempre deu às mulheres o papel de escravas e meros aparelhos de reprodução. Safo imortalizou o amor entre mulheres em poemas de extremo brilho, ultrapassando, em muito, os objetivos de preparação para o casamento propostos pelos círculos femininos onde se ensinava arte às mulheres, em sua época. De sua coragem e seu amor pelas mulheres, na ilha de Lesbos, surgiu esta palavra tão "mal-dita" que o sistema patriarcal constantemente procura deturpar. Para nós, portanto, nos autodenominarmos lésbicas representa não só uma forma de afirmação de nossa sexualidade específica, mas, muito mais que isso, significa uma postura política de recusa ao papel submisso e dependente atribuído às mulheres e uma proposta de desobediência e autonomia na busca de novas formas de ver o mundo. Através dela, identificamos nossa luta contra o preconceito e passamos a existir política, social e culturalmente, rasgando o manto da invisibilidade que tanto interessa ao sistema. Nós a utilizamos como um predicado e que podem ser acrescidos inúmeros outros objetivos perfeitamente intercambiáveis, não estanques, e passíveis de mudança no correr do tempo e a partir das alterações que vierem e ocorrer nas estruturas da sociedade.

Neste ano de 1983, no nosso 4º aniversário, decidimos optar finalmente por nos chamarmos Grupo Ação Lésbica Feminista, abdicando da concordância com a palavra grupo, como ocorria com a maioria das outras denominações, e colocando tudo no feminino



para compatibilizar com todas as coisas ditas acima a respeito da palavra lésbica e, também, com o intuito de marcar uma nova fase em nossas atuações. Evidentemente, permanecemos feministas, considerando que nos vemos como parte do Movimento de Mulheres e em sua luta contra a discriminação e em sua procura de transformar as relações pessoais bem como porque, além disso, acreditamos na ação organizada e conjunta de todas as mulheres.

O GALF, ou LF para as mais íntimas, surgiu, em 1979, como facção feminina do Grupo Somos e, desde seu início, teve como marca característica o dom de provocar muita polêmica. Nossa separação dos homens, naquela época em que se supunha poder haver uma igualdade no encaminhamento das questões das lésbicas e dos bichas, foi considerada separatista, divisionista e radical, adjetivos estes que ainda nos acompanham, agora em outras instâncias. Mas, acontece que já naquele ano, percebíamos a grande diferença entre ser uma mulher lésbica em nossa sociedade falocrática e ser um homem bicha nesta mesma instituição. A consciência de nossa opressão enquanto mulheres, em primeiro lugar, nos levou, podemos dizer que quase naturalmente, ao feminismo e o aprofundamento da análise da situação das mulheres num sistema que as nega constantemente enquanto sujeitos sociais, determinou nosso afastamento dos bichas e a aproximação com o movimento feminista onde também nos esperava outra batalha campal. Se dentro do movimento homossexual brigávamos contra o sexismo, no movimento feminista fomos começar a brigar contra o heterossexismo (briga que dura até hoje) e todas as suas implicações "reformistas". No entanto, imbuídas do maior espírito cara de pau, entramos de "sola" no II Congresso da Mulher Paulista, entre arrepios, chilikues e a perplexidade irritada ou divertida das feministas heterossexuais(?), colocando a então "inusitada" questão da sexualidade. Reinava um clima de grande confusão graças às tentativas de manipulação das "bases femininas" por parte de grupos pretensamente populares que ameaçavam, e ainda ameaçam, a autonomia do movimento. De pronto nos solidarizamos com as outras feministas pela independência de nossas reivindicações específicas, mas, mesmo assim, ainda parecíamos como OVNIS (objetos voadores não identificados), tanto que a jornalista Maria Carneiro da Cunha sentiu-se na obrigação de justificar nossa presença, naquele evento, através de uma longa carta para uma sua amiga pouco acostumada

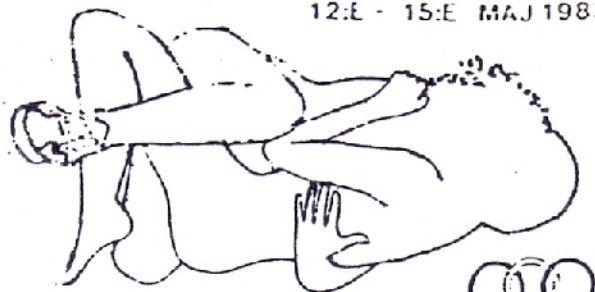
ao trato com a diversidade humana. De qualquer forma, saímos de lá fortalecidas e, com bastante ufanismo, entramos no I EGHQ (Encontro de Grupos Homossexuais Organizados/abril de 1980) para "estimular" a criação de novos grupos exclusivamente femininos e combater o machismo, claro que tudo isso, como sempre, no meio de muita discussão. O I EGHQ trazia, em si, os germes do posterior racha do Grupo Somos causado, aqui também, pela infiltração de membros da Convergência Socialista que pretendiam manipular o movimento, comprometendo a autonomia de sua especificidade. Dessa divisão, entre os bichas, surgiu o Grupo Outra Coisa de Ação Homossexualista que, com outros grupos homossexuais de São Paulo, criou o Movimento Homossexual Autônomo e com quem, mais tarde, passamos a dividir nossa sede. O racha entre os integrantes do Somos, em 17 de maio de 1980, coincidiu com a nossa saída deste mesmo grupo, ficando cada um de nós como o nosso grito de independência total. Ficamos sendo, a partir daquele momento, o Grupo Lésbico-Feminista, entidade inteiramente desvinculada de quaisquer outras organizações cujo maior objetivo era um trabalho voltado só para mulheres homossexuais. Os passos seguintes foram o Encontro de Valinhos (junho de 1980) que reuniu vários grupos feministas, onde comparecemos colocando a questão da sexualidade e da identidade feminina, e o estabelecimento de nossa primeira sede, na Vila Madalena, dividida com o grupo Brasil Mulher. Do Encontro de Valinhos, surgiu para o Movimento Feminista, em termos mais concretos, a bandeira de luta contra a violência que daria origem, posteriormente, ao grupo SOS MULHER (outubro de 1980) assim como deflagrou, por nós do GALF, um processo de crise interna que desfazelaria as estruturas do grupo nos meses que se seguiram ao Encontro. Em nossa campanha contra os modelos monogâmicos que dizíamos herdados de sociedade heterossexual machista, acabamos por tocar no ponto nevrálgico das relações interpessoais, sentimentos de posse e ciúme, que somados a um clima de disputa e competição pela direção no encaminhamento das atividades que realizávamos, terminou gerando uma enorme desconfiança entre as pessoas e, consequentemente, uma descrença quase generalizada em nosso próprio trabalho. Por imaturidade política, não sabemos tratar, com suficiente tato, a questão dos "casos abertos e fechados" - se o condicionamento da mulher é para a fidelidade e o do homem para a conquista. \* II Congresso da Mulher Paulista - março/80



## NORDISKI FEMINARIUM

FOR LESBISK KULTUR &amp; LIVSGLADJE

12.E - 15.E MAJ 1983



I STOCKHOLM

quista, será "revolucionário" apenas inverter os papéis? nem com a questão das relações de poder (autoritarismo, omissão, monopolização das palavras, criação de mitos, discursos carismáticos, padrões de beleza, etc.) de todos tecemos e de quem, ao mesmo tempo, somos vítimas. Esta crise determinou uma cisão no grupo e o afastamento de muitas de suas integrantes. Algumas partiram para o grupo SORMULHER, recentemente fundado, e que desde sua criação sempre havia contado com nossa apoio; outras formaram o Terra Maria Opção Lésbica, uma espécie de extensão do GALT, que não conseguiu sobreviver ao tempo.

A princípio, ficamos reduzidas numericamente, mas, por volta de fevereiro/março de 1981, novas mulheres de ótimo pique apareceram, em nossas reuniões, melhorando o ânimo geral. Apesar disso, o grupo ainda estava bastante ressentido das divisões e atritos acontecidos em 1980 e nossa atuação no IIIº Congresso da Mulher Paulista ficou marcada por muita insegurança e desestruturação, tendo como perspectiva maior somente a troca de experiências com outras mulheres sobre organização e feminismo. Aprendemos realmente muito sobre "organização" neste Congresso, pois, assada a euforia do nosso aparecimento no movimento Feminista, tivemos que nos deparar não só com os insultos proferidos pelas militantes do jornal Hora do Povo, porta voz do roscrito MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de outubro) que procurou tumultuar no que pode ser a elaboração do evento, como também com a falta de solidariedade das outras feministas. Enquanto as "HPistas" nos acusavam de imitar os homens no que eles têm de mais caricatural, de não assumirmos nossa "condição de mulheres" e de comprometermos a representatividade do Movimento porque éramos "sapateiros", por outro lado, um dos mais conceituados e tradicionais dos grupos feministas de São Paulo ameaçava sair da organização do Congresso por considerarem haver um excesso de lésbicas na ocasião. Essas atitudes conservado-

ras e reacionárias nos contaram que ainda estávamos dentro de uma política velha e viciada onde as certas são marcadas e, portanto, não há espaço para a criação do novo como acreditamos ser a base do feminismo. Este congresso foi dividido por seções e, na Zona Oeste, onde ficamos, sexualidade era um tema optativo o que significava, dentro daquele contexto, que ele praticamente não seria abordado assim como não foram encaminhadas, pela mesa, nossas moções de repúdio contra as prisões arbitrárias de mulheres lésbicas efetuadas pelo delegado Wilson Richetti, no final do ano de 1980. Mesmo assim, a despeito dessas adversidades, distribuímos o panfleto "Lésbicas e Violência", onde frisávamos nossa necessidade da criação de espaços políticos para resistir à opressão, e também lançamos o jornal ChanacomChana do qual este boletim é uma orgulhosa continuação.

O ano de 1981 caracterizou-se, infelizmente, como um ano de desmobilização em nível geral tanto para o movimento homossexual quanto para o movimento feminista. O Encontro de Grupos Homossexuais de SP, em abril, na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da USP, aprovou uma série de propostas, como por exemplo, a criação de uma organização que englobasse mulheres lésbicas de diversos grupos, além das independentes, mas nenhuma delas foi levada avante. Também tentativas de estruturar um novo encontro das entidades feministas, como fora Valinhos em 1980 não frutificaram pois as divergências político-partidárias da maioria das integrantes dos ainda, naquele momento, vários grupos do movimento, impediam que se chegasse a um denominador comum a cerca das questões prioritárias a serem colocadas em pauta.

Como dados positivos de 1981, podemos citar a inauguração de nossa nova sede, no centro de São Paulo, no dia 4 de julho de 1981, e nossa atuação, também em julho, na SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), onde uma das participantes do grupo fez várias intervenções importantes. Nesta ocasião, discutiu-se muito sobre homossexualidade e o Grupo Gay da Bahia lançou seu abaixo-assinado contra o parágrafo 302.0 do INAMPS que rotula o homossexualismo como desvio e transtorno sexual, consequindo, inclusive, que a moção de repúdio contra o mesmo parágrafo fosse aprovada pela SBPC. A imprensa local registrou amplamente o acontecimento e, sem dúvida, nós podemos considerá-lo uma vitória do Movimento Homossexual contra o preconceito.

Aqui em São Paulo, no entanto, os tempos eram de refluxo e desmotivação. Nós, do



GALF, desde o IIIº CONGRESSO DA MULHER PAULISTA (março/1981), estávamos meio perdidas, confusas, precisando parar para refletir mais aprofundadamente sobre nossa posição nos Movimentos Feminista e Homossexual e traçar algumas linhas básicas que norteassem de novo nossas atuações. Éramos, mais uma vez, poucas pessoas e resolvemos optar por um certo distanciamento das atividades externas e partir para uma reestruturação a nível interno. Esta fase se estendeu até o começo de 1982, tanto que nossa participação na comemoração do 8º de março (DIA INTERNACIONAL DA MULHER), daquele ano, teve um caráter apenas simbólico, mesmo porque, também, as integrantes do grupo, naquele momento, recusavam qualquer atuação externa onde tivessem que se assumir enquanto lésbicas, por menos comprometedoras que fossem tais atuações. Por estas razões, fomos apenas as duas (as mais corajosas) na "festa política" que marcou o DIA INTERNACIONAL DA MULHER de 1982, distribuímos um panfleto com nossas colocações sobre feminismo e vendemos algumas camisetas para arrecadar fundos para futuras atividades. Indiretamente, também interferimos para que se colocasse uma cena sobre a discriminação da mulher lésbica na apresentação de teatro do Grupo SOS MULHER que se deu naquele evento.

O ano de 1982 registrou, de uma maneira geral, um aumento progressivo de nossas atividades externas e uma postura mais firme e combativa na defesa de nossas idéias sobre homossexualidade feminina. Articulamos um grupo de estudos paralelamente às nossas reuniões de reflexão dos sábados e, através dele, com a ajuda de textos sobre feminismo e lesbianismo, aprofundamos nossa análise da situação das mulheres, em geral, e das mulheres lésbicas especificamente. Intensificamos contatos com grupos congêneres do exterior, o que nos valeu o recebimento gratuito de muito material lésbico-feminista, e também passamos a organizar, mais metodicamente, a biblioteca do grupo. Externamente, participamos do debate sobre violência contra a mulher, realizado no auditório do Sindicato dos Jornalistas, no final de abril, comparecendo de mãos dadas e distribuindo um panfleto intitulado "Sobre Violência". Este panfleto explicava a simbologia das máscaras e propunha ao movimento feminista que nele as mulheres lésbicas não precisassem usar qualquer tipo de disfarce, ao mesmo tempo que criticava a reprodução do discurso político-partidário que divide as lutas da população e as

"maiores e menores" e afirmava categoricamente que calar sobre as múltiplas opressões que sofrem as homossexuais nos torna, todos, cúmplices da violência. O panfleto dirigia-se, em um aspecto, à posição conservadora de algumas mulheres do Movimento Feminista que, a nível dos seus grupos, impediam qualquer pronunciamento público contra a opressão das lésbicas ou qualquer manifestação de solidariedade com as mesmas sob o pretexto de que a "defesa do lesbianismo comprometeria a imagem do grupo ou de que esta não cabia na estratégia ou no horizonte político do movimento". As pessoas que se identificaram como sendo os objetos de crítica, ou como se diz no dia a dia, quem vestiu a carapuça, sentiu-se particularmente atingido e assumiu uma postura bastante hostil em relação a nós, postura esta que se estendeu por todo ano de 1982 e da qual, ainda hoje, percebemos alguns resquícios. Ao debate sobre violência seguiu-se uma espécie de "happening" no parque do Ibirapuera onde armamos uma barraca para vender frutas que vinham anunciadas por placuinhos com frases como: "Come esta frutinha pra trencar com sua vizinha; o enrustimento mata" e outras brincadeiras. Levamos, também, vários cartazes com colagens sobre a situação das lésbicas e vendemos camisetas, jornais, posters, livros, etc... O grupo SOS Mulher apresentou algumas cenas de seu teatrinho.

Em maio de 1982, junto aos grupos Somos e Outra Coisa, organizamos a comemoração dos 4 anos do Movimento Homossexual, numa semana chamada "VIVA A HOMOSSEXUALIDADE" que apresentou filmes abordando a questão lésbica e bicha, dois debates (um sobre "Lesbianismo e Feminismo", o outro sobre "Política e Desejo") e uma festa finalizando a festa, no Teatro Ruth Escobar. O debate sobre "Lesbianismo e Feminismo" lotou a sala de nossa sede e nele continuamos colocando nossos críticos à pouca solidariedade do Movimento Feminista para com as mulheres homossexuais.

A semana "Viva a Homossexualidade" representou mais um passo positivo para o movimento Homossexual pois conseguiu unir, em

#### AMOROSAS CRIATURAS

ESTAMOS ORGANIZANDO UMA ANTOLOGIA AMOROSA: CARTAS, TEXTOS, POEMAS ESCRITOS POR MULHERES PARA MULHERES. VOCÊ NÃO QUER PARTICIPAR?

MANDE O QUE QUISER, NO TAMANHO QUE QUISER, USANDO SEU PRÓPRIO NOME OU PSEUDÔNIMO. NÃO SE AFLIJA, SIGILO ABSOLUTO.

GALF, CX POSTAL 62.618, CEP 01000, SÃO PAULO, SP



cima de uma atividade imediata, pessoas que não trabalhavam juntas há muito tempo, desde a época do racha do Grupo Somos(maio/80). Mas, e existe sempre um mas, esta semana trouxe também de volta à cena as antigas questões de identidade homossexual e a do poder que por terem sido muito colocadas e pouco discutidas "cavaram novas divergências interpessoais" e esfriaram, outra vez, as atuações conjuntas. As colocações sobre identidade homossexual, feitas principalmente pe-

ativistas "independentes" do movimento, partiam do pressuposto de que a heterossexualidade e a homossexualidade não existem, o que, em tese, se nos referirmos a elas como categorias estanques, está correto, mas que, em termos práticos, se nos referirmos a elas como dados do cotidiano, está inteiramente equivocado. O preconceito que estigmatiza o lesbianismo determina experiências de vida diferentes para mulheres heterossexuais e lésbicas e é contra este preconceito e pelo desejo de vivermos nossa sexualidade livre da culpa e do medo que nos organizamos. Evidentemente, não poderíamos continuar organizadas se acreditássemos que o trabalho no qual nos empenhamos já se realizou, ou, em outras palavras, se acreditássemos que, neste momento, não há mais diferença entre "ser o u estar lésbica" e "ser ou estar heterossexual" e que tudo não passa de uma questão de escolha muito simples de fazer. As outras colocações, as sobre poder, também feitas, em grande parte, pelos ativistas "independentes" do movimento, nunca ultrapassaram a superficialidade e serviram bem mais apenas para tentar criar polêmicas e bodes expiatórios, objetivando, ironicamente, disfarçar uma enorme vontade de poder.

Temas como estes do poder e da identidade bem como da autonomia são análogos a outros existentes nas pautas do Movimento Feminista como, por exemplo, a pauta do II Encontro Nacional de Feministas, ocorrido, em julho de 1982, por ocasião da SBPC de Campinas e ao qual também comparecemos. O Coletivo de Campinas, grupo organizador do Encontro, enviou-nos, posteriormente, um relatório sobre os debates daquele evento, perguntando, entre outras coisas, por que, se o feminismo propõe novas formas de organização, nós não conseguimos colocá-las em prática, referindo-se a clara resistência que houve em se discutir as experiências e posições distintas e as diferenças e desconfiâncias dos grupos entre si e dentro deles. O relatório terminava propondo que, paralelamente, às nossas lutas cotidianas deveríamos pensar, com mais seriedade, nas noções

de relações de poder e autoritarismo, de diferenças, solidariedade e política feminista. Infelizmente, até hoje, esta proposta parece não ter conseguido sair do papel.

Em agosto de 1982, aproveitando a vinda de Felix Guattari ao Brasil, organizamos um pequeno bate-papo com o psicanalista e teórico francês, autor, entre outras obras, do livro A Revolução Molecular(colatânea de seus textos), onde analisa o papel do desejo e dos movimentos alternativos(feministas homossexuais, ecologistas, negros) como possíveis projetos revolucionários. Guattari surpreendeu a todos dizendo-se impressionado pelo PT(Partido dos Trabalhadores) e colocando a necessidade da criação de algum tipo de articulação entre as lutas moleculares(grupos alternativos, por exemplo) e as molares(os partidos, por exemplo) o que foi traduzido por um tiê nativo como: "As revoluções moleculares não levam a nada". Outra declaração surpreendente de Guattari foi seu elogio a um grupo francês homossexual cujo trabalho principal centrava-se no estudo das leis discriminatórias contra os bichos, trabalho de caráter reformista considerado por muitos militantes brasileiros absolutamente sem valor.

A vinda de Felix Guattari ao Brasil, dá na época pré-eleitoral de 1982 quando deputados, versadores e mesmo os partidos, através de seus programas, na ânsia de angariar votos, lembraram-se das chamadas "minorias(mulheres(?), negros, homossexuais, índios) e estreitaram contatos com representantes destas Movimentos. Nós, do Movimento Homossexual, listamos uma série de reivindicações, como por ex., a não utilização do parágrafo 302.0 do INAMPS de que já falamos, o direito a custódia dos filhos o fim da repressão policial, etc., e a enviávamos para os políticos interessados. Em novembro, às vésperas das eleições, realizamos, também em nossa sede, um debate e respeito dessas reivindicações com vários candidatos de diversos partidos, inclusive um candidato do PDS merecidamente vaiado pelas pessoas presentes.





Antes deste debate, em setembro, a atriz e então candidata a deputada estadual Ruth Escobar, com a promoção da Revista Nova, realizou o I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, apresentando trabalhos artísticos de mulheres nas áreas de literatura, música, dança, teatro e artes plásticas além de várias palestras com convidadas do Movimento Feminista de outros países e artistas internacionais. Nós, do GALF, escolhemos mais participar das palestras, onde pudemos constatar que a análise da situação das mulheres é muito mais profunda no exterior que aqui, inclusive a análise da homossexualidade feminina, e onde pudemos também travar interessantíssimos bate-papos com as representantes do polêmico grupo francês: MLF (Movimento de Liberação das Mulheres). Fd aliás, num desses bate-papos, quando fomos discutir a questão da dupla discriminação das mulheres lésbicas e negras (havia uma representante do Movimento Negro conosco) que aconteceu uma das poucas notas menores do Festival. Duas militantes feministas de um conhecido grupo de SP, movidas por perspectivas políticas inimagináveis e por um "espírito de solidariedade" difícil de crer, intervieram na discussão no sentido de desviá-la de seu tema específico e esvaziá-la completamente, no melhor estilo do movimento estudantil que, tantas vezes, criticamos. Apesar do espanto e da mágoa por esta atitude tão pouco compreensível (sic), continuamos aproveitando a rara oportunidade dada pelo festival de aprender muito sobre a vida e as idéias das mulheres da França, Itália, E.U.A, Portugal, etc... e acabamos ultrapassando, sem maiores problemas, aquele fato desagradável.

Ainda em setembro, a folha de SP publicou um artigo sobre o livro-denúncia de Sandra Mara Herzer sobre suas experiências na Febem. O artigo também comentava as razões que a tinham levado ao suicídio em agosto de 1982. Quando do lançamento deste livro, na Assembléia Legislativa de SP, distribuímos um panfleto denominado "Carta por Sandra Mara" que publicamos no boletim Chana-comChana número um.

O Boletim Chana-comChana nº1, continuação do jornal que tínhamos editado em fevereiro de 1981, significou uma grande vitória para nós, um dos resultados de nossas batalhas contra a discriminação e a carência gerais. Nós começamos a vendê-lo, no começo de janeiro, com um pouco de atraso pois tínhamos tido problemas para imprimi-lo, mas conseguimos passar adiante pratica-

mente quase toda a tiragem que havíamos rodado. Nela colocamos nossos sentimentos, idéias, críticas (através das histórias em quadrinho), uma entrevista com as mulheres que jogavam futebol e queriam que ele fosse legalizado (na época não era), informamos um relato sobre o Festival das Mulheres nas Artes. Ele foi lançado no momento em que estávamos empenhadas na organização do 8º de março de 1983 e na mobilização pela libertação do jornalista Antonio Chrysóstomo, editor do extinto jornal Lampião, preso por ser homossexual sob a falsa acusação de haver estuprado sua filha adotiva de 4 anos. Estas duas atividades nos consumiram bastante tempo e foram particularmente desgastantes devido a reprodução de toda mecânica machista da "política tradicional" instalada nas estruturas dos nossos movimentos ditos libertários. Não podemos dizer que não valeu a pena trabalhar nessas questões pois os resultados foram positivos (a festa comemorativa do 8º de março de 1983 estava cheia de gente e teve momentos emocionantes e Antonio Chrysóstomo não está mais na cadeia) mas podemos dizer que tudo teria sido mais simples e agradável se utilizássemos nossos instrumentais auto-críticos com maior frequência.

A organização da festa para o Dia Internacional da Mulher, por exemplo, foi permeada de fofocas, boicotes, conchavos e muita desconfiança entre as mulheres organizadoras, fosse por motivos de diferenças político-partidárias, fosse por questões de disputa da direção dos acontecimentos. Nós, do GALF, oferecemos nossa sede para centralizar as reuniões organizativas, já que estava havendo dificuldades para encontrar locais disponíveis, e aí já começaram os problemas. Muitas feministas argumentavam que as mulheres da periferia (nada mais infundado que esta expressão) não viriam às reuniões por estas estarem acontecendo num espaço de lésbicas e, sob esse pretexto, foram esvaziando os encontros. Num determinado momento, começaram a se realizar três reuniões paralelas na cidade de São Paulo, sendo que duas delas não tinham sequer diferenças político-partidárias que as separasse. Nós, as mulheres do CIN (Centro Informação Mulher) que no tocante às reuniões foram realmente solidárias conosco e algumas feministas independentes decidimos nos auto-dissolver para nos unirmos ao outro encontro que estava havendo em outro local da cidade, conscientes de que não havia sentido em tentas discussões simultâneas sobre o



mesmo assunto se o objetivo era o mesmo. Quando comparecemos a esta reunião, expusemos nosso ressentimento e perplexidade diante da incompreensível convocação daquele encontro paralelo. Não recebemos nenhuma resposta razoável, ou melhor, nenhuma resposta mesmo e, como o local onde estávamos era inadequado, voltamos para a sede do GALT (sic) onde ficamos até praticamente às vésperas do 8º de março. Fora essa longa-lança do preconceito das mulheres da periferia contra as lésbicas e a tentativa de boicote das reuniões em nossa sede, ainda tivemos que suportar a hostilidade construída de uma determinada figura do movimento que por razões estritamente pessoais produziu climas extremamente desagradáveis durante o período de estruturação da festa. O movimento mostrou-se enfraquecido e pouco disposto a discutir o ponto central de sua debilidade que é a questão do poder e suas implicações, seja a questão do poder institucional, seja a questão do poder, ou melhor, das estruturas de poder entre nós mesmas. Promovemos, nós do GALT, mais debates e encontros para 1983 com a perspectiva de solucionar, ao menos parcialmente, os problemas que nos dividem e para podermos crescer qualitativa e quantitativamente. Estamos torcendo para que nossa proposta se concretize.

Na comemoração do DIA INTERNACIONAL DA MULHER DE 1983 (8 de março), lançamos o segundo número do CHANACOMCHANA, agora também com poesias, seção de correspondência e mais informes para agilizar a leitura. Nosso boletim tem o objetivo de ser veículo de nossas idéias, um agente de mobilização (ele já está provando sua eficácia neste sentido) e um canal de comunicação para todas as mulheres lésbicas, bem como um instrumento crítico dos dois Movimentos em que atuamos.

Bom, a outra mobilização que citamos como emocionalmente desgastante foi aquela para a libertação do jornalista Antonio Chrysóstomo e ela começou, ou melhor, reavivou-se mais com a proposta da candidata a vereadora Caterina Koltai de criar um SOS GERAL que atenderia a todas as expressões marginais ao sistema (mulheres, índios, ecologistas, negros, homossexuais, etc...). Um dos primeiros casos que esse SOS pretendia defender era o caso de Chrysóstomo, preso há mais de um ano por sua homossexualidade. Nós do Galt, considerando a importância da proposta, independente de qualquer partido, é claro, tentamos ajudar em sua concretização. Em dezembro de 1982, foi apresentada a peça

de Chrysóstomo, "Olho no Olho", no teatro Ruth Escobar, seguida de um debate sobre "O Direito a Diferença", tendo os dois eventos sido organizados pelos grupos homossexuais de SP, o comitê de Caterina Koltai, o comitê de Ruth Escobar e o comitê de defesa do jornalista representado por um dos atores da própria peça. Este acontecimento serviria para ajudar com os gastos do processo de Chrysóstomo e para lançar a proposta do SOS Geral, de acordo com a penúltima reunião feita entre os grupos que estavam trabalhando no caso. No entanto, algumas pessoas resolveram invalidar esta reunião e não colocar o nome do SOS Geral nos panfletos que anunciavam a apresentação da peça, sem nenhuma espécie de aviso prévio e com a incrível justificativa de que não haviam achado "interesse" agir como o combinado. Em suma, apesar de nossos protestos contra esta arbitrariedade, a idéia do SOS Geral acabou naufragando sem mesmo ter sido tentada. Posteriormente, nós e outros grupos homossexuais, assessorados pela secretária da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), redigimos um abaixo-assinado que colheu assinaturas de entidades representativas de SP e que foi enviado ao Rio de Janeiro para auxiliar no julgamento de Chrysóstomo. Antonio Chrysóstomo foi absolvido na primeira semana de março de 1983 e, agora, está processando o Estado pelo tempo em que ficou detido sem "justa" causa.

Nossas últimas atividades, ainda em março, foram uma entrevista e um encontro com Dacia Maraini, feminista italiana, escritora, jornalista, autora de teatro e cinema e uma festa em nossa sede com jogos (bingo), bebida e som.

No começo de abril, inauguramos um curso de canoagem, com aulas aos sábados e, agora, em maio, em comemoração ao nosso 4º Aniversário, estaremos apresentando uma exposição de fotos, cartazes, desenhos, etc, sobre homossexualidade, além de filmes, um debate sobre autonomia e uma festa para todo mundo dançar e curtir. Tudo isso será acrescentado ao nosso histórico que, pelas deusas, continuará cada vez mais intenso e rico e que estará sendo relatado, bimensalmente, nas páginas deste boletim.

Saudações Lésbicas

Miriam





depôimento.1



É gostoso poder escrever sobre nós mesmas. Ao relatar publicamente o que foi e é importante para mim, espero - que este depoimento contribua de alguma forma para a reflexão, principalmente das mulheres homossexuais.

Eu entrei no grupo Ação Lesbica-Feminista (GALF) no final de fevereiro de 1981. Antes de participar da primeira reunião (na ocasião, a sede do grupo era na rua Fidalga - Vila Madalena) eu havia enviado uma carta manifestando o desejo de entrar no grupo e querendo saber quais as condições necessárias para isto acontecer. Me responderam, em linhas gerais, que era necessário ser lésbica, solidária e ter vontade de participar das atividades do grupo, porque havia muita coisa para se fazer. A palavra lésbica me chocou. Eu, uma lésbica... A palavra pesava muito, homossexual parecia mais leve. Com o tempo, de tanto ouvir a palavra, sem a carga pesada, preconceituosa e pejorativa normalmente dada a ela, eu comecei a gostar de pronunciar e enunciar o termo, uma das formas de esvaziar este seu caráter "maldito". Para entrar no grupo, eu percorri um longo processo: teoricamente, eu era contra o preconceito à homossexualidade, combatia as manifestações homofóbicas, mas ao mesmo tempo sentia vergonha de ser lésbica. Era uma contradição vivida internamente e um dos passos para a superação desta contradição foi meu ingresso no GALF. Lia o "Lampião" (jornal homossexual) e, através de um amigo homossexual da Universidade, soube do endereço do grupo para correspondência.

Entre com muita vontade de atuar, militar politicamente e aprender. Desde o início falava muito e logo comecei pondo a "mão na massa". Participei do 3º Congresso da Mulher Paulista e ajudei a organizar o encontro estadual

dos grupos homossexuais. Através das nossas reuniões semanais, procurávamos unir a prática com a reflexão. A partir da troca de experiências pessoais, íntimas, fomos nos conhecendo melhor, descobrindo as nossas diferenças e semelhanças enquanto mulheres homossexuais. A partir desta troca de experiências, analisávamos (e ainda analisamos) as instituições vigentes (Família, Estado, Escola, casamento, entre outras), que direta e/ou indiretamente nos atingem quanto a suas normas autoritárias, onde a regra é a heterossexualidade e o domínio do homem. A partir dessas análises, notamos quanto a homossexualidade ser doença, desvio, anormalidade ou imaturidade sexual também foram sendo cada vez mais desmistificadas e percebidas como um dos frutos da heterossexualidade "obrigatória". hoje padrão social de sexualidade. Mas quem é que determina o que é certo ou errado? Quais interesses escondem?

Hoje percebo que a culpa, a repressão afetiva e sexual, atrapalharam muito o meu crescimento e o desenvolvimento dos meus envoltimentos afetivos em geral. No início, a minha auto-estima estava baixa, sentia vergonha do meu corpo e quase não conseguia falar sobre sexualidade: ficava logo vermelha quando tocavam no assunto e o "pior" é que se falava constantemente sobre o tema. Em geral, mantinha-me rígida e tímida quando se tratava de assuntos pessoais. Até entrar no grupo, o público e o privado estavam separados em mim. Foi com a descoberta do feminismo, através da prática interna do grupo, aliada a muitas leituras sobre feminismo e lesbianismo, que percebi a esquizofrenia desta separação entre o pessoal e a Política, já que todos os nossos atos são políticos, cada ato executado envolve uma parte da nossa concepção e perspectiva de vida, cada ato pode conter também relações de poder.

Com o feminismo, obtive maior consciência do que significa ser mulher numa sociedade dominada pelos homens e por seus valores (nós, mulheres, não somos imunes a estes valores, somos educadas a partir deles), isto com a nossa cumplicidade. Em fevereiro, quando entrei, eu era uma mulher preocupada em não sentir culpa por ser lésbica, queria encarar a minha sexualidade com naturalidade e atuar acima disto, combatendo os preconceitos sociais. O caminho para me tornar uma lésbica-feminista foi e é um processo cheio de contradições e espantos. Superada a contradição inicial (teoricamente eu me aceitava como lésbica, mas ao mesmo tempo sentia vergonha), surgiram outras con-



tradições entre teoria e prática, o que gerava em mim muita angústia. Muitas eu resolvi, ainda há várias para revolver. Um processo repleto de contradições: aparece-se uma, surge outra e outra e assim por diante. Mas acho que é isto que nos faz crescer.

Uma das coisas que mais me preocupa é e creio que ao grupo como um todo - o combate ao olhar fático. Olhar de olhar fático entre outras coisas: a hierarquia; a competição; a necessidade de auto-afirmação através das estruturas de poder; ver a outra pessoa quase exclusivamente como "objeto" para a satisfação das necessidades pessoais (fins utilitaristas). Creio que as aproximações que têm como requisito principal apenas a atração sexual, podem gerar o isolamento das pessoas que, sem do padrão estético cultural que quando não é questionado, tende a ser reforçado. Em todos os grupos - em uns mais, outros menos - esse olhar fático existe, pois está em nós mesmas (os), fomos criadas em cima desses valores: hierarquia, competição, dominação, revalorização do padrão estético imposto pelo consumo, aproximações utilitaristas (o que posso obter no outro?), entre outros. Durante as reuniões semanais do grupo, procuromos discutir sobre isto. Praticar a solidariedade não é fácil, mas tenta-mos construí-la entre nós, lesbicas-feministas.

Alguns dizem - e eu concordo - que o estamento é algo importante para o crescimento, a complexidade racional podemos levar a investigação as causas de quando falamos nos faz perguntas, levantar-se é um valor para as coisas, pessoas, não deixam-se submeter na monotonia das rotinas, regras, teorias sem qualquer flexibilidade no dia a dia. Farei o polêmico por não responder, sendo eu alista, lesbica. No início, eu era muito, como poderia dizer, acho que ingênua, vivia numa "resaca", não acreditava nas máquinas e consequentemente que a vontade de poder geram. A reflexão e a vivência dos fatos me mostraram que algumas práticas feministas que estão aí, precisam mudar muito, se aproximarem das teorias feministas acerca da solidariedade, da criação de um outro espaço onde procuramos não reproduzir as relações de poder entre nós. Como dizem: na prática, a teoria é outra. Isto é: quando falar sobre a discriminação contra a mulher, quase todas as feministas omitem a discriminação sobre as lesbicas. É isto e ainda pior quando as lesbicas que se dizem feministas e que compertuam com esta política. Parece que há muitas feministas que, preme-

ditadamente, fazem "conchavos", "fórcas", "maquinações": não se importam muito com os meios para atingir a direção das atividades, para obterem poder. Sei que não há um modelo de feminista, mas dizer uma coisa e agir premeditadamente de forma contrária aos valores nos quais se diz acreditar, é muito hipócrisia! É preciso um pouco da injeção de coerência, misturada com a ardida sinceridade (injeção não é venda em nenhuma drogaria) para algumas feministas.

Acredito nos grupos alternativos: de negros, de mulheres, de homossexuais e de ecologistas, como grupos que podem reinventar a política a partir de sua prática interna. Acredito que a multiplicação dos grupos autônomos poderia fazer nascer uma organização alternativa aos partidos, uma organização que não visasse a tomada do poder estatal, mas a destruição deste e a autogestão política e econômica da sociedade.

Finalizando, gostaria de destacar algumas pessoas que marcaram bastante a minha trajetória dentro do movimento feminista e homossexual: uma, chama-se Milagren e é uma das fundadoras do grupo. Ela me iniciou no feminismo através dos grupos de estudo e de nossa convivência. Isto muito me ajudou a abrir os olhos para as máquinas minhas e alinhá-las em relação ao poder. Desde o início, a sua amizade me enriqueceu muito e ela é uma das pessoas que mais ha telherem e ainda batalham pela existência do GLTF (Grupo de Ação Lesbica-Feminista). A outra mulher formidável é a Helena Mendonça, do Recife, que através de sua amizade e de seu apoio financeiro nos tem ajudado muito. Não poderia deixar de mencionar as minhas companheiras do grupo: Celis, Maria Luiza, Tânia, Lúcia, Lúcia, Magali, Teresinha e Lúcia, entre outras diferentes, todas com suas próprias histórias e caminhos para as nossas lutas. Destaco também os integrantes do grupo (outra coisa (principalmente o Lúcia), que em vários momentos difíceis prestaram a sua solidariedade.

O Grupo Ação Lesbica-feminista continua aberto a toda mulher que queira vir nos conhecer e percorrer conosco um pouco da sua trajetória. O grupo é um espaço de cada uma de nós, temos muito o que aprender umas com as outras.

Rasely







## DEPOIMENTO II

Sabem, estou no GALT desde junho ou julho do ano passado. São meses de comparecimento quase que ininterrupto às reuniões semanais que nele são realizadas. Minha analista diz que não sou masquista, portanto creio que posso dizer que gosto do grupo. E a gente - não gosta de alguém ou de algo só por causa de..., mas também apesar de. Sim, estou querendo dizer que o GALT não é um paraíso. Onde é?

Oh! Desculpem-me, eu nem me apresentei: chamo-me Célia e tenho 19 anos de idade, talvez 20 quando estiverem me lendo. E ~~eu~~ estou aqui para dar meu depoimento sobre um certo grupo denominado Grupo Ação Lésbica-Feminista; conhecem? Eu o conheci - ou melhor, fiquei sabendo de sua existência - num debate sobre homossexualidade realizado no - Ruth Escobar em 1982. Naquele debate, tive a oportunidade de ouvir Rosely - hoje minha companheira de grupo - falar sobre os objetivos do GALT. Achei-os - os objetivos - ótimos, afinal condiziam com os meus próprios (modesta eu, não?).

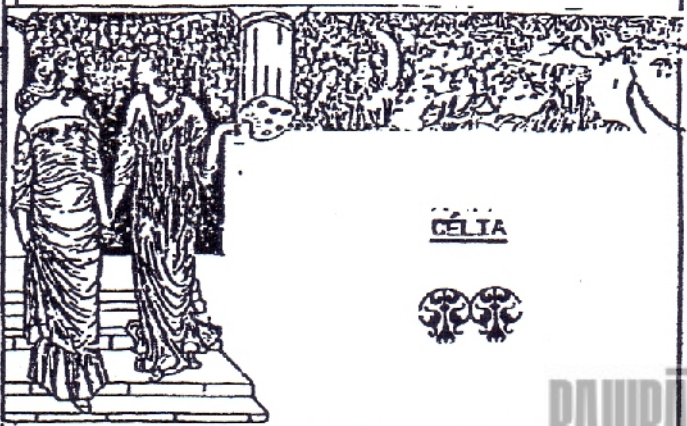
Bem, afinidade de objetivos e uma - necessidade de ter alguém como eu com quem poderia falar abertamente (sobre a minha atração por outra mulher, por exemplo) me levaram até a sede do grupo. Fui uma, duas, três vezes e não parei mais de ir. E não parei porque, além de encontrar pessoas como eu com quem posso falar, posso fazer - ou ao menos tentar - com que essa sociedade preconceituosa em que vivemos vá gradativamente perdendo sua força repressora sobre nós homossexuais; sobre nós, lésbicas; sobre nós, mulheres. Isto porque o GALT não é um clube de chá, onde as pessoas se reúnem para ficar o tempo todo falando de banalidades e iludindo-se a si mesmas, dizendo que tudo é divino e maravilhoso. É antes de tudo um grupo que

tem por objetivo lutar contra o duplo - preconceito que nós sofremos por sermos mulheres e por sermos homossexuais; um grupo que mesmo com poucos recursos financeiros - próprio de um grupo do Terceiro Mundo - procura manter contato e obter informações de outros grupos e pessoas do país e do exterior. E não faz isso à procura de "status", mas para que com uma maior reflexão obtida através das informações a que temos acesso, possamos alcançar resultados cada vez mais satisfatórios.

Contudo, eu dizia que o GALT não é um paraíso, e não o é, pois aqui seres humanos estão se relacionando, estão em constante contato e, inevitavelmente, os relacionamentos humanos são conflituosos. Entretanto, até mesmo isso tem seu lado positivo, pois isso nos ensina a valorizar o outro e a nós mesmos; nos ensina a dizer não quando é isso que desejamos e sim quando isso é necessário.

Ninguém é obra de ninguém, pois de nada adianta semear em terreno arido. Por outro lado, todos são obra de todos, se pensarmos que a convivência influencia nossa maneira de ser. Então, por que você não vem se influenciar e nos influenciar?!

É, tal: o que era para ser meu depoimento acabou parecendo publicidade. Mas raciocine comigo: por que eu faria publicidade de algo de que não gostasse, no qual não acreditasse? Se eu gosto e acredito no GALT é porque possui suas qualidades e possibilidades. Os de fatos existem, é claro. Por que você não vem ajudar-nos a detectá-los e a se ná-los? E a compartilhar de satisfação que temos toda vez que realizamos uma atividade qualquer; que não ficamos de braços cruzados enquanto uma Sandra Mara se joga do viaduto. E falando em Sandra Mara, lembre-se, ela não era de nenhum grupo. E um grupo é uma reunião de pessoas que pensam de maneira semelhante e procuram auxiliar-se mutuamente, solidariamente. Venha ver se o GALT é assim. Se não for, nos ajude para que seja.



CELIA





## FAZENDO POESIA

SEPARAÇÃO

Não,  
Você não é meu par  
Já não é minha princesa encantada.  
  
Foi, já foi.  
Mas nunca esposa prendada,  
Nunca mecho, nunca irmã.  
  
Não foste nada,  
Somente princesa encantada.  
  
É meu amago que pede,  
E se eu me enganei  
- platônico amor -  
Sonhando quem você teria que ter sido

Brinco de te matar  
De te dar três tiros e partir  
Prá outra.

VANGE

PARA MINHA NAMORADA

Quero-lhe forte e audaz,  
sem mais nem menos,  
quero o doce licor dos venenos  
dessas rimas banais  
que não me deixam em paz.  
Quero as redundâncias e os extremos,  
os diabólicos pactos proibidos,  
as penas que sonhemos  
atrasar, desiguais.  
Eu quero mais que a previsão dos tempos  
nos quero chuva se disserem sol,  
quero ser a bela isca mentindo o anzol  
que ri na boca dos tubarões morenos.  
Sereno são seus golpes mortais  
caracterizando esse amor atroz,  
você me "manda" porque eu deixo,  
você me morde porque eu desejo  
que nos pensem trepando  
atadas como loucos nós.  
E quando o dia clareia  
e os nossos olhos nos vêem  
tremula a nova bandeira

ao sopro de um vento impossível.  
O último ato se encerra  
limpando o suor nos lençóis  
e você adormece melhor do que a cama.  
Nessa noite você diz que me ama  
e o resto eu não conto sem o preciso  
e o resto eu não falo - ainda repito -  
porque a televisão está ligada multitrilha  
e eu não consigo inventar mais.

Míriem

NOSTALGIA

Nasceu uma flor no chão do meu deserto  
E o sol a secou  
E ela murchou, e despentalou-se  
E com ela se foi  
A gota de orvalho em suas pétalas.  
Caiu uma chuva esparsa  
Na aridez do meu solo estéril  
E a areia absorveu toda a água  
E o sol a evaporou  
E ficou apenas a lembrança  
De uns instantes amenos  
Da areia que por uns momentos  
Suavizou o mormaço escaldante.  
Assim foi tua presença em minha vida:  
Um vislumbre  
Uma quimera  
Uma ilusão efêmera  
Assim como uma paisagem que vem ao nosso  
encontro  
Quando percorremos uma auto-estrada.  
Vem ao nosso encontro  
Mas quando esse encontro parece realizar-se  
Logo se distancia  
Fica para trás, longe, cada vez mais longe  
sendo possível que nunca, nunca mais  
Se torne a passar por aquela estrada.  
Naná

## ASSINATURAS

SE VOCÊ DESEJA RECEBER UMA ASSINATURA  
ANUAL DO BOLETIM CHANACOMCHANA, ENVIE SEU

NOME.....  
ENDEREÇO.....  
CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

EU QUERO UM CHEQUE NO VALOR DE R\$1.000,00 PARA O  
GALF, CAIXA POSTAL 62.618, CEP 01000, SP  
O BOLETIM CHANACOMCHANA É BIMENSAL E, POR -  
TANTO, VOCÊ RECEBERÁ 6 NÚMEROS A PARTIR DA  
DATA DE SUA ASSINATURA.

O CHANACOMCHANA TAMBÉM É SEU. ENVIE-NOS  
SUA OPINIÃO, CRÍTICAS, SUGESTÕES, POESIAS,  
DESENHOS, O QUE VOCÊ QUISER.







informes

# CONFERÊNCIA DO SERVIÇO DE IN- FORMAÇÃO LÉSBICA INTERNACIO- NAL (PARIS/ABRIL/1983)

A última conferência do ILIS, realizada em Paris, em abril deste ano, foi coroada de êxito. Duzentas e dez mulheres da Espanha, Itália, França, Inglaterra, Nova Zelândia, Dinamarca, Suécia, Finlândia, Noruega, Suíça, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, Irlanda e até do Brasil compareceram ao encontro. Nele foram redefinidas as estruturas do ILIS que, agora, é um corpo de coordenação lésbico para poder incluir as mulheres lésbicas que atuam com grupos de homens homossexuais e, também, as lésbicas radicais. Como resultado desta nova política, um grupo radical, o Espaces, decidiu participar da conferência. O ILIS era, a princípio, um corpo de coordenação lésbica-feminista.

## MULHERES LÉSBICAS NOS PAÍSES SOCIALISTAS

**CUBA:** Os campos de reeducação foram fechados, em 1975, por força das pressões internacionais, mas, agora, a "educação" é feita pelas clínicas psiquiátricas. Não existem artigos explícitos contra a homossexualidade, mas o governo pode prender qualquer pessoa com base na lei do "escândalo público", versão cubana do nosso "atentado ao pudor". A polícia mantém um dosseie dos suspeitos e, geralmente, as lésbicas e os bichas cubanos se casam

para despistar as "autoridades" e poder respirar um pouquinho. O medo de serem descobertos está sempre presente.

**ALEMANHA ORIENTAL:** A homossexualidade masculina não é ilegal na Alemanha Oriental e o lesbianismo sequer existe para aquela sociedade, no entanto, os bichas e as lésbicas são altamente reprimidos e vivem, literalmente, "in the closet", ou seja, superenrustidos. O socialismo parece ter resolvido o problema do desemprego (é até um crime não conseguir um) mas, as mulheres continuam ganhando menos que os homens porque desempenham "tarefas de mulher" e a política sexual do governo é baseada na elegia da família nuclear. Assim sendo, é praticamente impossível, para uma pessoa solteira ou um par lésbico ou homossexual, conseguir um apartamento, assim como arranjar uma namorada(o) pode levar anos. O único local de encontro para homossexuais é a Igreja Evangélica, em Leipzig, e, também, o único grupo feminista existente, atuando em Berlim, se move no mais profundo dos subterrâneos. Como para conseguir um local de encontros é preciso uma permissão oficial, como também para obter um visto, <sup>de viagem</sup> pode-se perfeitamente concluir que as mulheres alemãs são prisioneiras em seu próprio país. Até hoje, todas as tentativas de obter uma permissão para encontros foram infrutíferas. Homossexualidade não dá cadeia na Alemanha Oriental, mas, se sua filha vai mal nos estudos e se, por acaso, você é lésbica e alguém descobrir, as duas serão enviadas ao psiquiatra para tratamento por não corresponder as expectativas socialmente aceitáveis.

## FUNDAÇÃO PARA O LIVRO ESCOLAR

A feminista Maria Amélia Aze

veon Goldberg assumiu a presidência da Fundação para o Livro Escolar conforme decreto do governador do estado de SP, no dia 16 de abril. Maria Amélia é autora do livro "Educação Sexual: uma proposta, um desafio" (edições Aruanda) e pretende, na sua gestão, criar condições para uma análise crítica quanto aos modelos ideológicos transmitidos nos textos didáticos, entre eles, o sexismo, a discriminação contra negros e índios. Maria Amélia pediu a nossa colaboração no sentido de lutar por um padrão de ensino comprometido com os ideais de qualidade e democratização.

## CONTRA O PARÁGRAFO 302.0

A deputada estadual Ruth Escobar, pelo PMDB, fez, no dia 10 de maio, na Assembleia Legislativa, uma colocação "curta e grossa" contra o parágrafo 302.0 da classificação mundial de saúde que classifica a homossexualidade como desvio e transtorno sexual. Na semana de 9 a 13 de maio, Ruth pretende lançar, também, uma moção contra este parágrafo que deverá ser assinada pelos parlamentares e demais pessoas interessadas e, depois, enviada ao Presidente da República. Os grupos homossexuais de SP subsidiaram Ruth Escobar, com material sobre o assunto, para a redação do texto lido na Assembleia e para a moção contra o 302.0. Estamos com Ruth Escobar nesta luta!

## HOMOSSEXUAIS, AS MAIORES VÍTIMAS DOS PRECONCEITOS

Uma pesquisa realizada



para avaliar o grau de preconceitos sexuais e raciais da sociedade brasileira, feita pelo Instituto de Ciências do Comportamento em São Paulo e em mais quatro cidades do interior e outros estados, revelou um forte preconceito, em ordem decrescente, contra os homossexuais, os judeus, os velhos e os negros. (Folha de SP - 12.5.83)

#### CHRYSÓSTOMO FINALMENTE SOLTTO:

Depois de cumprir 1 ano e sete meses de prisão, Antonio Chrysóstomo, jornalista, ex-editor do Jornal Lampião, foi finalmente solto. Chrysóstomo tinha sido acusado, por seus vizinhos, de haver cometido maus tratos e violência sexual contra sua filha adotiva de 5 anos e, apesar do laudo médico nada ter constatado de errado com a menina, acabou sendo detido. Na verdade, seu crime foi o de ser homossexual. Foram enviados ao Rio, por ocasião do 2º julgamento do jornalista (apelação da sentença), no dia 10 de março deste ano, dois abaixo-assinados contra sua prisão arbitrária. Um deles com a assinatura dos grupos homossexuais de SP, da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), dos Sindicatos dos Artistas e dos Jornalistas, e da Comissão de Justiça e Paz. O outro com as assinaturas de políticos e artistas, entre eles, Ruth Escobar, Marta e Eduardo Suplicy, Darcy Penteado, Franco Montoro, etc... Dos três desembargadores que julgavam o caso, dois votaram contra a sentença inicial que condenava o jornalista. A pressão social ajudou a vencer mais esta batalha pela liberdade de expressão sexual. Hoje, Chrysóstomo está processando o Estado pelo tempo que ficou detido. Ele exige indenização. É preciso que não haja mais casos como o dele. Isto depende de você também.

#### OS GRUPOS HOMOSSEXUAIS CONVERSAM COM O SECRETÁRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA

Os grupos homossexuais de SP foram conversar, no dia 5 de abril, com o Secretário da Segurança Pública, Manoel Pedro Pimental, que, em entrevista para a revista Veja (2.3.83), tinha se mostrado interessado em nossas questões e aberto ao diálogo. Num breve bate-papo, relatamos casos de violência policial contra pessoas homossexuais, exigindo o fim das mesmas, e contestamos a subjetividade das prisões por "atentado ao pudor". O Secretário declarou estar tentando reeducar a polícia, substituindo a mentalidade de violência pela de não violência. Disse, também, não pretender interferir em reuniões pacíficas de homossexuais, mesmo as públicas, embora considerasse que os travestis que expõem suas "partes pudendas" na rua, possam ser presos por atentado ao pudor. Concluiu pedindo às lésbicas e bichas que agissem com disciplina (sic). Bichas e lésbicas institucionalizadas pelo sistema?

#### CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA

Através do decreto nº 20.892, de 4 de abril de 1983, foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina, com o objetivo de eliminar a discriminação contra a mulher na sociedade brasileira através de estudos e análises acadêmicas e com a participação de amplos setores da sociedade. O Conselho está portanto, aberto a todas as mulheres de São Paulo, independentemente de filiação partidária, e procurará, através de sua ação política, criar condições que viabilizem a plena inserção da mulher na vida sócio-econômica, política e social, devendo funcionar como fórum de

debates, estudos e pesquisas relativos à condição de mulher bem como para desenvolver projetos que promovam a participação feminina em todos os setores da atividade social. O Conselho tem sua sede provisória junto à FUNDAR à rua Álvares Guimarães, 429, 3º andar, salas 308 e 309, com reuniões todas as segundas-feiras às 20:30hs.

#### EM PLENÁRIO

A Câmara dos Vereadores de São Paulo dará uma resposta às críticas feitas pelos deputados da Assembleia Legislativa do Maranhão, que acusaram a TV Bandeirantes e especificamente o programa "Clodovil" de "incentivar o homossexualismo e o lesbianismo". A vereadora e feminista Irene Cardoso, do PT, apresentou uma moção de solidariedade ao famoso costureiro e agora show-man ressaltando que as preferências sexuais são uma opção individual e não uma doença - que foi assinada por todos os membros da casa, com exceção de um político do PDS. A moção será discutida na próxima semana, no plenário da Câmara, com a presença de Clodovil, que, na ocasião, receberá o título de cidadão paulistano. (FOLHA DE SP/23.4.83)

Nós, do Grupo Ação Lésbica Feminista e do Grupo Outra Coisa, enviamos um telegrama a Irene Cardoso parabenizando-a pela moção de solidariedade ao Clodovil.





## GRUPO "OUTRA COISA": ENTÃO HOJE E SEMPRE

Logo após o Iº ENCONTRO BRASILEIRO DE GRUPOS HOMOSSEXUAIS ORGANIZADOS, em abril de 1980, 10 integrantes do Grupo Somos de São Paulo começaram a discutir a situação em que se encontrava o grupo e, depois de 7 reuniões optaram pelo desligamento do mesmo, dia 17 de maio, denunciando, em carta aberta aos demais membros, "a atuação de elementos filiados a organizações político-partidárias que estariam comprometendo a autonomia do Somos", acrescentando ainda que "a imagem externa do mesmo estava irreversivelmente associada ao Grupo Convergência Socialista."

Esse novo grupo foi denominado inicialmente Ação Homossexualista, inspirado no termo feminista, numa tentativa de identificar os homossexuais preocupados com a questão da discriminação específica sem subordinarem-se a interesses de quaisquer organizações político-partidárias. Posteriormente, Ação Homossexualista passou a ser sobrenome do grupo e paralelo nome foi escolhido "Outra Coisa", nome fácil de guardar, gostoso e irreverente, na opinião das pessoas que o adotaram.

Ainda em 1980, o Outra Coisa com dois outros grupos paulistas, organizou e lançou, em novembro, o "Caderno de Textos do Movimento Homossexual Autônomo, com artigos, entrevista e matérias sobre autonomia do MH, entre outros temas.

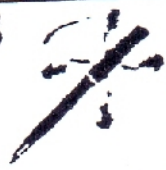
Nesses três anos de existência, mesmo organizados precariamente, conseguimos levar a discussão de homossexualidade/sexualidade aos meios de comunicação, universidades, partidos políticos, entidades profissionais, etc... Em 1982, quando

portegamos a discussão com o Grupo Ação Lésbica Feminista (ALF) na sua sede, iniciamos, com eles, o, e promoção de encontros, debates, projeção de filmes, pos-  
tras de arte, etc...

No momento, temos um arquivo de documentos e publicações sobre o movimento homossexual no Brasil e no exterior bem como material sobre homossexualidade publicado em nossa imprensa nos últimos anos e extensa relação de endereços de organizações de defesa dos homossexuais.

Completando o terceiro aniversário de nascimento, o Outra Coisa abre o grupo para novos membros, pois até hoje era integrado apenas pelos ex-membros do Somos. (ANTONIO CARLOS TOSTA, GRUPO OUTRA COISA (AH) EX-POSTAL 62.699, CEP 01168, SP)

## CARTAS



### Primeiramente

quero agradecer-lhe por ter-me enviado o jornal Chanacomchana. Foi o melhor presente que recebi nos últimos tempos. Como descrever, senão com emoção o que senti ao acabar de devorar todas as palavras. Para mim não é um simples jornal, é uma manifestação há muito desejada por todas as mulheres, inclusive as homossexuais. Quero fazer parte desta luta, primeiro me libertando dos meus próprios preconceitos e aceitar minha homossexualidade perante a sociedade, e, em seguida tomar uma posição de combate a esta sociedade. O que existe de mais importante em mim é o amor que sinto por mim mesma, por uma mulher e por todas as mulheres. (Ana, Cx.P. 818, São José do Rio Preto, SP, Cep 15.100) \*

Já recebi o Chanacomchane. Ele continua excelente. A entrevista com a Cida Kapcek colocou muitos pontos nos "is" foi ótimo saber que as mulhe-

res da defesa não são tanto preconceito contra as lésbicas quanto as líderes feministas querem fazer crer e que o aborto é mais tabu para eles do que o lesbianismo. Adorei a seção de poesias, Miriam gostei muito dos seus versos. Adorei também o comentário de Rô sobre o livro de Sandra Mera. Só não gostei de uma coisinha: na carta do GGB ao boletim, eles terminavam dizendo que todos, torcedores e torcedoras, iriam ao campo de futebol perceber "as belezas". Quer dizer, ver as mulheres, seus corpos, suas pernas, seus cabelos, vê-las de um modo geral. É o desmonte dessas mulheres, sua capacidade de fazerem um bom futebol, onde é que fica? Acho uma atitude machista essa de não pensar numa mulher como uma pessoa capaz de desempenhar bem qualquer profissão, mas como uma coisa a ser vista e admirada, um objeto de adorno. O resto, o esforço deles em realizar algo, seria só uma brincadeira. Que me desculpe o GGB, esse grupo admirável que eu amo tanto, mas parece-me que eles deram um escorregozinho machista. (Nena Cx.P. 433, Recife, Pe, Cep 50.000) \*

Recebemos o Chanacomchana e, abem da verdade, vocês estão e são maravilhosas. O GGB e o GALF são os meros da rebeldia contra este terrível mal que é a homofobia. Lutar sempre vale a pena, ainda mais quando o que está em jogo é o prazer. Chegaria a conclusão de que ninguém é mais perfeito



para falar da mulher que ele mesma. Não faremos críticas ao ChanacomChana porque ele está ótimo. Só gostaria de, humildemente, sugerir que se publicasse a opinião de pessoas "Vips" sobre lesbianismo, uma matéria em que Ro Ro, Virginia Wolf e outras tantas mulheres fossem citadas ou mencionadas suas opiniões (Huides, GGB, Cx. P. 2.552, Cep 40.000, Salvador, Bahia)

\*  
Lendo o boletim nº2, me interessei em especial pela informação sobre o assassinato de travestis por aplicação de sílicone industrial. Os transexuais e travestis estão acima dos homossexuais "mais discretos" em termos de preconceito. São marginalizados, desprezados, como se fossem seres incabados, doentes, com os títulos de "putos" para os mal amados, noivos e namoradinhos se servirem deles. E os cirurgiões? Será que medicina só é um meio de se faturar? Só os ricos têm o direito de se livrar dos "erros" da natureza? E os cirurgiões homossexuais? Enquanto uma mulher quer tirar de si um filho por não aceitá-lo ou não poder criá-lo, uma pessoa quer tirar de si uma imagem sexual por não aceitá-la ou não poder "sustentá-la". (Merlene, rua João Moura, 1.140, Pinheiros, SP)

\*  
Tomei conhecimento do trabalho de vocês, e por que não dizer de vocês mesmas, no encontro de 9/3/83, na Folha de São Paulo, através da intervenção que vocês fizeram naquele debate. Depois comprei o jornal e o li, sossegada e tranquilamente, gostando do que ia lendo, gostando do estilo, da redação dos artigos, das posturas e colocações. Vocês estão bem preparadas e decididas. Um abraço. (Sílvia, SP)

\*  
Ao adquirir o ChanacomChana, ganhei um presente. Ele está

maravilhoso! Não sabia que estava sendo publicado, soube no 8 de março, no MASP... E daí vai uma sugestão minha para o ChanacomChana: um artigo sobre a peça "Fim de Caso" que está montada no Teatro Aplicado. Beijos enrustidos, cúmplices ou simplesmente com carinho? (Maria Luísa, SP)

\*  
Gostei muito de "A Negação da Homossexualidade". A meu ver este tem, que é de importância capital, ainda não foi suficientemente pensado, discutido, nem, tampouco, objeto de comentários escritos. Boa idéia de levantar a lebre. - Quanto a "Queda para o Alto", lemos o livro com outros olhos. Achei-o mal escrito, pretensioso, falso e auto-indulgente. Evitadamente, é lamentável que a cristura tenha se suicidado, mas isso nada tem a ver com as qualidades do livro... Agradou-me igualmente "Associação das Donas de Casa discute, lesbianismo, aborto e...". Sendo, no momen-

#### COLABORADORAS DESTA NÚMERO:

Miriam

Vanda



Naná M.

Rosely

Célia

to presente, ainda tão pequeno o boletim de vocês, pergunto-me se, enquanto vocês não puderem publicar maior número de páginas, não devem optar por uma série de notícias curtas. Em todo caso, o mais importante de tudo é a existência do Boletim, a presença, a visibilidade de vocês. Faço votos que o possam editar com regularidade. (João Antônio Mascarenhas, Cx. P 14.601, 22412, Rio de Janeiro, RJ)

#### OLHA EU AQUI A FIM DE TE CONHECER

1. Gostaria de me corresponder com gerotas de Brasília. (Ana, Cx Postal 818, São José do Rio Preto, SP, cep 15.100.)
2. Naná Mendonça, Cx. Postal 493, Recife, Pernambuco, cep 50.000
3. Gostaria muito de trocar correspondência com outras leitoras do ChanacomChana (Marlene Azevedo, rua João Moura, 1140, Pinheiros, SP, cep 05412)
4. Procuro alguém a fim de alguém. Tenho 26 anos, l, 70 (Cristina Rosetti, Cx. Postal 58099, cep 01000, SP)



#### AULAS DE GINÁSTICA COM INICIAÇÃO A CAPOEIRA

sábados

das 15 às 17 horas

informações: TEREZINHA

FONE: 202.9062

DE 2ª à 6ª das 15 às 17:30

VENHA GINGAR CONOSCO !



**GALF** : GRUPO AÇÃO LÉSBICA FEMINISTA

CAIXA POSTAL 62.618, Cep 01.000, SP

SEDE: ~~PR. 1000, 1000, 1000~~ SÃO PAULO, SP

REUNIÕES AOS SÁBADOS DAS 18:00 ÀS 21:00

